

EPISODIO TRES

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas 101 canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como COPACABANA, de BRAGUINHA E ALBERTO RIBEIRO, 1946

OFF - Muito antes de Tom e Vinícius apresentarem ao mundo a vizinha Ipanema, Braguinha e Alberto Ribeiro criaram esse hino de amor à "Princesinha do Mar". Lançado em disco por Dick Farney, em 1946, com belíssimo arranjo para orquestra de Radamés Gnattali, "Copacabana" era um samba-canção diferente, moderno para a época, que antecipou a estética minimalista da bossa nova em muitos aspectos, do tratamento sofisticado do arranjo ao canto cool de Dick Farney.

Grande sucesso popular, que dominou as paradas brasileiras por mais de um ano, provocou polêmica com acusações de plágio. A melodia de Copacabana lembraria vagamente o início de "I'll remember April", de Gene de Paul, Patricia Johnston e Don Raye, que fez parte da trilha de um filme da dupla de comediantes Abbott e Costello, lançado nos Estados Unidos em 1942 e que no Brasil teve o título de "Cavaleiros da Galhofa". O filme passou batido, mas a belíssima canção logo se tornou um standard americano, com incontáveis gravações dos melhores jazzistas.

O talentoso Braguinha não seria estúpido de plagiar logo um clássico da canção americana. Seus acusadores é que viraram cavaleiros da galhofa.

O impacto inicial do samba também se deve à interpretação magistral do pianista e cantor Dick Farney. Nascido no Rio de Janeiro, como Farnésio Dutra e Silva, era rico e bonito, teve formação clássica, e se tornou um grande jazzista. Farney só cantava em inglês até ceder à insistência de Braguinha e aos encantos da Princesinha do Mar para conquistar seu maior sucesso. Depois de um ano nos Estados Unidos, contratado como cantor fixo do superpopular programa de rádio do comediante Milton Berle, Farney voltou ao Brasil e se tornou figura-chave no samba canção e antecipador da bossa nova.

Nos anos 90, "Copacabana" renasceu em uma apaixonada versão de Maria Bethânia, que se tornou um sucesso nacional.

NM (VIVO) Boa parte da beleza e do glamour de Copacabana foram construídos com o trabalho e o suor dos nordestinos, chamados pejorativamente de "paraibas de obra". Num Brasil que crescia do campo para cidade, a sanfona entrou na trilha sonora urbana pela nostalgia dos nordestinos e as mãos de Luiz Gonzaga.

ASA BRANCA, LUIZ GONZAGA E HUMBERTO TEIXEIRA, 1947

Nos anos 1940, o sanfoneiro Luiz Gonzaga era mais um retirante que tentava dançar conforme a música na antiga capital federal. Sobrevivia a duras penas tocando polcas, foxtrotes e boleros em bares da zona de prostituição do Rio. Até que numa noite, atendendo a pedidos de um grupo de estudantes nordestinos, o orgulho e a originalidade falaram mais alto.

Entre xotes, chamegos e baiões, voltando aos ritmos e temas do nordeste, Gonzaga tirou do sofrimento a inspiração para triunfar na Capital. Cantando e compondo para sua gente, e sobre ela, acabou atingido o país inteiro para se tornar o Rei do Baião. Dentre tantos sucessos que viriam a partir dessa guinada, Asa Branca é o maior deles e se repete há setenta anos; como drama, como denúncia, e, sobretudo, como um hino popular do Brasil profundo.

A toada foi composta em parceria com Humberto Teixeira em 1947 a partir de um tema folclórico que o sanfoneiro conhecia desde a infância. Gonzaga cresceu entre o flagelo e a criatividade da resistência sertaneja em Exu, interior de Pernambuco, onde o pai, Januário, era agricultor e sanfoneiro de respeito. Ao visitar a cidade, após uma década e meia de exílio, Gonzaga olhou a terra ardendo e respondeu com sua obra prima. Na volta ao Rio, apresentou a música para Humberto Teixeira, que consolidou a força de suas imagens e o seu lirismo.

Asa Branca consagra as transformações e o amadurecimento estilístico de Gonzaga em menos de uma década, quando o orgulho nordestino saiu definitivamente do armário. Com roupas de couro e chapéu de cangaceiro, Gonzaga ditou moda, influenciou gerações e se converteu no primeiro popstar brasileiro, na definição de um de seus maiores fãs e discípulos, Gilberto Gil, que gravou vinte canções do mestre.

NM (VIVO) Na queixa do filho e no ciúme da maquiagem da mulher amada, Dorival Caymmi se inspirou para construir um samba-canção em que o lamento dengoso disfarça o machismo com doçura numa melodia encantadora.

Antes de ser conhecido musicalmente como Dori, o filho mais velho de Dorival Caymmi atendia apenas por Dorivalzinho, e nem sempre de boa vontade. Certa vez, ao ver o pai sair de casa, o menino disse com a cara zangada: “Estou de mal”. Na rua, a frase ficou martelando na cabeça do compositor no ritmo de uma obra em progresso. Enquanto ia à rádio, comprava umas coisas e andava pelo bairro, a melodia e a letra foram se formando até que no fim do dia a morena “Marina” já estava pronta, com o rosto pintado para provocar ciúmes no autor e justificar a colaboração de Dorivalzinho no refrão.

(sobe som, desculpe Marina morena mas eu tô de mal)

Caymmi revelou a origem desse que é um de seus maiores sucessos em entrevista ao escritor Paulo Mendes Campos, num encontro de cronistas das letras e da música. Ao longo de sua carreira, Caymmi gravou várias versões de Marina, mas a primeira, de Dick Farney, em 1947, teve impacto imediato e definitivo, como referência de qualidade do samba canção e da modernidade da bossa nova.

Fato raro na época, outros três registros da música foram lançados ao mesmo tempo, nas vozes de Francisco Alves, Nelson Gonçalves e do próprio Caymmi, sem o mesmo sucesso. Por mais que o autor quisesse sua morena de cara limpa, Marina ganhou maquiagens e roupas diversas, como na versão iconoclasta de Gilberto Gil, do álbum Realce de 1979, numa levada de funk-disco, na belíssima gravação de Emílio Santiago e até na batida tecnopop do capixaba Silva, de 2015.

NM (VIVO) Por seu clima frio, sua maneira de falar, de viver e até de jogar futebol, o Rio Grande do Sul se orgulha de ser um país dentro do Brasil. Sem jamais ter saído de Porto Alegre, Lupicínio Rodrigues se tornou um grande compositor de sambas e mestre máximo de canções de abandono, ódio e ressentimento.

NERVOS DE AÇO

Nos anos 1940, dizia-se que os negros e o samba não tinham lugar na história e na cultura do Rio Grande do Sul, mas Lupicínio Rodrigues desmentiu ignorâncias e preconceitos, consagrando-se como um dos maiores compositores de samba, com “Se acaso você chegasse”, e com sua poética do ódio e do rancor nas relações amorosas, se tornaria também um dos grandes mestres do samba canção, emplacando clássicos dilacerantes como “Vingança”, “Cadeira vazia” e “Volta”.

Mas, se não houvesse nenhum desses sucessos, bastaria “Nervos de Aço” para triunfar no mundo do samba e viver da música mesmo fora do eixo Rio-São Paulo. Lançado em 1947 por Francisco Alves, "Nervos de Aço" é um torturado relato de uma dor amorosa profunda, que consagrou Lupicínio e seu estilo, inspirado em suas próprias histórias de traição e romances desfeitos, em dramas que ouvia e vivia em mesas de bar e nas noites frias de Porto Alegre.

Vinte e cinco anos depois, Nervos de Aço ganhou uma nova e brilhante gravação de Paulinho da Viola, com uma interpretação moderna, contida e pungente dos versos doloridos de Lupicínio.

SOBE SOM PAULINHO

A partir do final dos anos 60, Lupicínio foi regravaado por Caetano Veloso, Gal Costa, Zizi Possi, Arnaldo Antunes, Arrigo Barnabé, Adriana Calcanhoto, Gal Costa e Elza Soares. E também é cantado por multidões a cada vitória do Grêmio, como autor do hino do clube e um torcedor com nervos de aço.

NM (VIVO) O machão violento e brigão se torna doce e romântico nas noites da Bahia num samba de Dorival Caymmi que também tem duas faces, uma fortemente ritmada e outra romântica e dolente.

JOÃO VALENTÃO, DORIVAL CAYMMI, 1953

Cronista do seu povo e do seu tempo, mistura perfeita de africanos e de italianos, Dorival Caymmi imortalizou muitos personagens que encontrou ao longo da vida em suas canções. Um deles foi o pescador João Carapeba, que conheceu na juventude, na praia de Itapuã, e foi retratado em “João Valentão”, que se tornou um de seus maiores sucessos. Lançada em 1953, a música tinha começado a nascer em 1936, dois anos antes de trocar Salvador pelo Rio de Janeiro. Mas, com a falta de pressa que o caracterizava, só foi terminada em 1945.

Meticuloso artesão da palavra cantada, Caymmi só dava uma canção como terminada após esgotar todas as possibilidades de rima, métrica, melodia e ritmo. João Valentão amadureceu ao longo de nove anos, junto com o próprio Caymmi, que fez os primeiros versos ainda aos 22 anos e só botou o ponto final na canção, num bonde no Rio de Janeiro, quando já era um compositor consagrado. Seu amálgama de música e palavras é um exemplo de força e concisão, com pinceladas psicológicas do pescador que não precisa dormir para sonhar.

Sobe som

O peculiar ritmo criativo e o perfeccionismo de Caymmi se reflete no conjunto da sua obra. Enquanto grandes compositores, como Tom Jobim, Ary Barroso ou Chico Buarque têm 300 ou 400 músicas ou mais, e naturalmente algumas mais ou menos, Caymmi, que viveu até os 94 anos, tem pouco mais do que 80. Mas todas ótimas. Muitas levaram mais de uma década para serem concluídas no equilíbrio entre a criatividade, o rigor e a preguiça, no perfeito exemplo do ócio criativo.

NM (VIVO) Seu coração começou a pulsar com os tambores da África, mas a vida nova foi registrada no Brasil. Perseguido no início do século XX, o samba cresceu entre morros, becos e vielas até se fazer amado e respeitado em todo país e se tornar sua voz no samba de Zé Kéti.

A VOZ DO MORRO, 1955,

Carioca de Inhaúma, José Flores de Jesus era um menino comportado que de tão quieto ganhou o apelido de Zé Quietinho, abreviado para Zé Kéti, mas sua personalidade musical já marcava posição em movimentos históricos desde “A Voz do Morro”, o seu primeiro grande sucesso nacional. Gravado por Jorge Goulart para a trilha sonora do filme “Rio 40 graus”, esse samba empolgante celebra ao mesmo tempo a tradição e a vanguarda na música e no cinema.

O filme produzido por Nelson Pereira dos Santos, do qual Zé Kéti também trabalhou como ator, é um marco fundador do Cinema Novo. Já a música tema é uma certidão de nascimento do samba que contraria a tese de sua origem baiana. Numa autobiografia sintética do gênero, Zé Kéti falou em primeira pessoa, exprimindo por meio da voz do morro, um orgulho natural aqui do Rio de Janeiro

Sobe som

Claro que foi decisiva a contribuição dos sambas de roda do Recôncavo Baiano no começo do século XX, mas foi no Rio de Janeiro, no começo dos anos 1930, com Noel Rosa, Pixinguinha, Ismael Silva e outros bambas do Estácio, que o samba ganhou seu formato urbano, se distanciando do

maxixe, do coco e das demais manifestações rurais. Carioca por adoção e por formação, foi nas vielas e ladeiras do Rio, que o samba fez escola.

Zé Kéti começou a mostrar seu valor no início dos anos 1949, no seletivo grupo dos compositores da Portela. Antes de propagar a Voz do Morro por todo o país, teve sambas gravados por Linda Batista, Ciro Monteiro, Jamelão e Garotos da Lua. Também foi autor de outros clássicos, como "Opinião", "Diz que fui por aí" e do belíssimo samba "Mascarada".

Em 1962, criou o grupo Voz do Morro, que abria espaço para jovens talentos como Elton Medeiros e Paulinho da Viola. Dois anos depois, participou do show Opinião ao lado de Nara Leão, a ex-musa da bossa nova que se tornara musa da oposição. Com o sucesso espetacular do show, Zé Kéti foi um dos responsáveis pela volta do samba às paradas. A voz do morro era ele mesmo, sim senhor.

NM (VIVO) Do encontro entre um ex-policial, um boêmio amargurado, e um desenhista secreto de quadrinhos eróticos e nasceu em 1957 um clássico comovido da dor e do ressentimento com A Flor e o Espinho.

A FLOR E O ESPINHO, NELSON CAVAQUINHO, GUILHERME DE BRITO E ALCIDES CAMINHA, 1957

Em 1957, o público ignorou completamente a gravação original "A Flor e o espinho" na voz de Raul Moreno. Ao contrário do cantor, que sumiu no tempo, o samba renasceu oito anos depois na voz de Elizeth Cardoso, se tornando um dos maiores clássicos do gênero, com a marca registrada da dupla Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito. Os primeiros versos da canção surgiram num fim de noite na Praça Tiradentes, quando Guilherme teve a ideia que se tornaria um clássico da amargura: "tire o seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor"

Sobe som

A letra foi completada por Alcides Caminha, um funcionário do ministério do Trabalho, que manteve por três décadas uma identidade secreta, sob o traço e a assinatura dos quadrinhos eróticos de Carlos Zéfiro. Nelson também demorou a sair das sombras, e já era um cinquentão, quando passou a ser reconhecido. Não só pelos sambas, que fazia desde os anos de 1930, mas também como cantor e violonista, de voz rouca e pegada originalíssima.

Apesar do nome artístico, o cavaquinho foi trocado pelo violão ainda na juventude. Autodidata, desenvolveu um estilo inusitado e rústico, usando apenas o polegar e o indicador, para tocar as cordas com um vigor

percussivo. Boêmio de mão cheia, é difícil de imaginar que esse estereótipo do sambista, bom de copo e de improviso, tenha sido soldado da Polícia Militar, atuando na região do morro da Mangueira, onde ficou amigo de Cartola, Carlos Cachça e outras bambas, chamando a atenção de Noel Rosa.

Acabou largando a farda, mas passou as décadas de 1940 e 1950 vivendo de bicos, muitas vezes vendendo seus sambas para compositores ou cantores com mais dinheiro do que talento, o que era prática comum à época. Depois de uma vida espinhosa, o sucesso se abriu em flor. Uma das atrações do Zicartola, o misto de restaurante e casa de samba que o casal Dona e Cartola manteve no centro do Rio, Nelson também foi gravado com Nara Leão, Elis Regina e Beth Carvalho, que se tornou sua grande intérprete.

NM (VIVO) Além de compositor, cantor, violonista e pintor, Caymmi é um dos filósofos máximos da baianidade a serviço do bem viver. Além do dinheiro e da fama, conseguiu relativizar o tempo e o espaço, ao viver no Rio sem se esquecer de Salvador e ao levar dez anos para gravar um clássico da saudade e da nostalgia que compôs em uma noite.

SAUDADES DA BAHIA, DORIVAL CAYMMI, 1957

Quase duas décadas após trocar Salvador pelo Rio, Dorival Caymmi já acumulara experiência de sobra para fazer um balanço nostálgico e melódico da sua vida e para expor a saudade que tinha da Bahia. Apesar de ter sido lançado em 1957, o samba tinha sido escrito dez anos antes, de uma tacada só, num bar no Leblon, e ficara restrito ao repertório caseiro.

Gravado por insistência do produtor Aloysio de Oliveira, que frequentava a casa e os saraus da família Caymmi, “Saudade da Bahia” é um samba confessional sobre o arrependimento e a perda. Sobrepondo-se a mais uma declaração de amor à terra natal e a descrição de seus encantos e mistérios, Caymmi tem saudade do afeto e da vida em família. E, por isso, se arrepende de ter tomado a decisão de partir, contrariando o que lhe dizia a voz do afeto e da experiência.

Sobe som

Além de abrir o coração, no fim dos anos 1950, Caymmi já podia se dar ao luxo de ser o primeiro intérprete de suas canções, inaugurando o perfil do “cantautor”, que se tornaria o padrão da MPB na década seguinte. “Saudades da Bahia” fez parte de seu quarto disco, Maracangalha, ao lado de clássicos como “Samba da minha terra”, “Vatapá” e da faixa título.

Com uma obra impregnada dos sabores e das cores de sua terra, Caymmi ajudou a construir o imaginário da Bahia por meio de um cancionário praiano e indolente, do qual fazem parte as pioneiras “O que é que a baiana tem”, “La vem a baiana” e “Lenda do Abaeté”.

Consagrado como cantor, ganhando o suficiente para sustentar a família e para farrear pela fervilhante noite carioca de outrora, Caymmi também tinha seus momentos de desamparo, e muita saudade para concluir a canção com a sabedoria de um filósofo do desapego: Pobre de quem acredita/Na glória e no dinheiro para ser feliz”.

SOBE SOM

ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. No próximo episódio, a batida diferente do violão de João Gilberto abre caminho para o fenômeno da bossa nova com o maestro soberano Tom Jobim e o poeta Vinicius de Moraes, que modernizaram e sofisticaram a música brasileira.